

Solenidade de N.S. Aparecida

12 de outubro de 2014.

Caríssimos irmãos, hoje estamos em grande festa, pois celebramos a solenidade de N.S. Aparecida, a padroeira do Brasil.

É para nós, a Virgem de Aparecida, um símbolo nacional. Não obstante as estatísticas mostrarem que o Brasil já não é mais um país predominantemente católico, mesmo aqueles que não professam a nossa fé sabem da existência desta nossa devoção. Nossa S. Aparecida não é uma realidade desconhecida pela maioria de nosso povo. Seu santuário também não é ignorado.

Sua imagem de terra cota, bela e de grande arte, é reproduzida a gosto popular chegando quase à aberração. Enfim, tudo isso revela o quanto a Mãe do Cristo está próxima de todos nós. Revela, igualmente, o quanto o povo brasileiro é um povo religioso.

Todos nós conhecemos a história do evento de Aparecida. Mas vamos rapidamente lembrá-lo.

Três pescadores trabalhando no rio Paraíba, próximo à pequena cidade de Guaratinguetá (Terra de frei Galvão), ao lançar as redes nas águas encontram o corpo de uma imagem de N. Senhora sem a cabeça. Depois, rio abaixo, encontraram também a cabeça dessa imagem, discreta, pequena e singela da Santa Mãe de Deus.

Nós hoje, mais secularizados, temos imagens, muitas vezes, mais por decoração do que por devoção. Outrora, quando se quebrava uma imagem se levava a

um Cruzeiro, tão comum nas cidades brasileiras, deixando-as para que o tempo se encarregasse de as consumir ou então se jogava aos rios para serem sepultadas nas águas. Muito provavelmente, esta imagem deve ter sido quebrada e, por respeito, lançada nas águas do Paraíba.

Aparentemente o fato de a tê-la encontrado não sustenta seu título: “Aparecida”. Ter sido pescada não garantia ainda um milagre. Mas se analisarmos a história a partir da fé dos pescadores, então tudo se torna muito diferente.

Para os pescadores, homens de fé, não foi um mero acaso terem encontrado essa imagem em duas partes. Se das águas surgisse só o corpo, não haveria veneração. Se viesse só a cabeça, igualmente não haveria veneração. Por ser de terra cota, poderia perfeitamente estar presa ao lodo no fundo do rio ou se desfeito nas águas. Ou então, como poderiam homens simples e trabalhadores ter uma tal imagem? Hoje temos facilidade em adquiri-las. Naquele tempo era mais difícil. Os de maior posse podiam mandar esculpir ou modelar em barro as imagens. Cultura e fé se fundiram e fizeram os pescadores levarem a imagem para casa e mais tarde construírem uma Capela para a sua veneração.

Interessante como acontecem as realidades do céu que penetram em nossa história.

A Santa Mãe de Deus, imaculada em sua concepção, isto é, sem pecado original, aparece quebrada, partida em dois, nas águas de um rio. É um paradoxo. Ela toda íntegra, toda inteira como criatura, surge quebrada e restaurada por mãos humanas.

O homem criado à imagem de Deus perdeu a semelhança com Deus porque, voltando-se para si mesmo, ficou centrado em si mesmo. É ainda imagem de

seu Criador, mas não tem mais a vida de caridade que é a vida do próprio Deus, uma vez que Deus é caridade.

Com o pecado, o homem perdeu a sua semelhança com Deus, a natureza do amor que circula em Deus. Uma imagem que é dessemelhante daquilo que representa, é uma distorção. Com o pecado, o homem centrado em si mesmo, precisa, com a graça de Deus, querer e aprender a sair de si e ir ao encontro de Deus e de seu próximo, dinâmica natural do amor. (T.Merton em Vida silenciosa)

A Santa Mãe de Deus isenta do pecado, em pleno exercício de sua liberdade, imagem e semelhança de Deus, na história da salvação, é já antecipação da volta ao paraíso, por isso sobe de corpo e alma para a glória da cidade celeste de Jerusalém.

Mas aqui, sua imagem está quebrada e somos nós homens de fé que a restauramos.

Isso revela que o homem, imagem de Deus, tem em si o desejo de plena unificação; mesmo quebrado pelo pecado aparece nas águas da vida **para estar com** (não é bom que o homem esteja só.) E para estar inteiro com alguém é preciso estar restaurado pelo sacramento do batismo e viver a sua dinâmica.

Aqueles que foram retirados das águas pelo batismo, podem progredir na virtude da caridade, buscando assim, com a graça de Deus, restaurar a semelhança perdida.

Caso contrário, o homem centrado em si mesmo, isto é, quebrado e sem restauração, não estará verdadeiramente com ninguém. Será sempre ou só corpo ou só cabeça, nunca inteiro. A solidão (não a do eremita), contrária à vocação cristã

que é comunhão, será apenas poesia ou prosa literária encerrada nos livros dos utópicos.

Tal homem permanecerá preso ao lodo de suas limitações e pecados. Até, Deus em sua infinita bondade, fizer seus pescadores o atingirem.

Quando o homem aparece das águas do batismo e se deixa restaurar pela mediação que Deus tem, isto é a Igreja, então há um passo avante. Será mais do que estar com, será ser com.

Será um com Cristo (não sou eu mais que vivo, é Cristo que vive em mim); será uma só carne no matrimônio, mistério que revela o amor de Cristo esposo pela sua esposa, a Igreja; será um só coração e uma só alma numa comunidade eclesial; será um só desejo, o de agradar somente a Deus, a vida monástica (vocação de S. Bento).

Caros irmãos, a história da Padroeira do Brasil não esgota sua mensagem. Isso porque é história de Deus nos homens e história dos homens em Deus. Deus entrou com seu ser: o amor, e, nós homens, entramos com o dom de seu amor que é a fé.

Peçamos a essa Mãe solícita, Mãe de Cristo e Senhora nossa, que na festa da vida não deixe de interceder por cada um de nós.

Que Ela peça ao Filho para transformar nossas talhas de água em talhas de vinho novo, figura de uma vida no Espírito Santo: “amor, alegria, paz, longanimidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio”.

Amém.